

Gleiciara Rosana da Silva
Graduada em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais.

Contato
ciarals@hotmail.com.

Palavras-chave:
mulheres; feminismo negro; silenciamentos; resistência.

Keywords:
women; black feminism; silencing; resistance.

ZORA, TEREZA E BEYONCÉ: É UM PRAZER DESFRUTAR DESSAS COMPANHIAS!

Zora, Tereza e Beyoncé: It's a pleasure to appreciate these companies!

Resumo: “Pela delícia em receber o desconhecido / como uma oportunidade de alargar a experiência de estar vivo” (Elisa, 2023, p. 48). Com o pensamento de Zora Neale Hurston, antropóloga, negra, temos o prazer de desfrutar de outras possibilidades do fazer antropológico, bem como de nos posicionarmos frente aos silenciamentos sistêmicos e históricos ao longo do tempo, com relação especificamente às mulheres negras. Logo, essa voz que ecoa do Sul dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, com uma corporeidade potente, forte e orgulhosa de sua negritude – não apenas no contexto acadêmico, mas que extrapola outros campos, como o da literatura –, encontra consonância em outras presenças: seja no mundo das artes, personificada por Beyoncé, ou por meio de nossa própria ancestralidade, na trajetória de vida da minha avó materna, Tereza; mulheres, negras, que foram e são capazes de uma mudança de olhar sobre si mesmas e que propõem reflexões que trazem sentidos e significados – a partir do conhecimento, da arte, da música, de relatos de vida – que fomentam novas possibilidades de resistência a partir da própria forma de existir no mundo.

Abstract: *For the delight in receiving the unknown / as an opportunity to broaden the experience of being alive” (Elisa, 2023, p. 48). With the thought of Zora Neale Hurston, anthropologist, negro, we have the pleasure of enjoying other possibilities of anthropological practice, as well as positioning ourselves in the face of systemic and historical silencing over time, specifically in relation to black women. Therefore, this voice that echoes from the South of the United States in the early decades of the 20th century, with a powerful, strong and proud body of blackness – not only in the academic context, but which goes beyond other fields, such as literature –, finds consonance in other presences: whether in the world of the arts, personified by Beyoncé or through our own ancestry, in the life trajectory of my maternal grandmother, Tereza; women, black, who have been and are capable of a change of view of themselves and who propose reflections that bring senses and meanings – from knowledge, art, music, life reports – which foster new possibilities of resistance from the very way of existing in the world.*

INTRODUÇÃO

A práxis antropológica sempre esteve presa e engessada a uma ideia cânone de fazer Antropologia, mediada por uma intelectualidade branca e elitista que foi desenvolvendo mecanismos de silenciamentos para outras formas de se construir o conhecimento, dentre eles o silenciamento das intelectualidades negras (Kilomba, 2019). Uma dessas vozes que tentaram intimidar e silenciar foi a da intelectual norte-americana Zora Neale Hurston, antropóloga, folclorista e romancista, redescoberta pela escritora e intelectual Alice Walker nas últimas décadas do século XX, e que tem ecoado e ressoado em diversos contextos desde então – inclusive no mundo acadêmico, quando foi proposta a disciplina “Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston”, na Universidade Federal de Minas Gerais em 2023.

Das muitas contribuições de Hurston, está o fato de desenvolver a oratura, como uma forma de escrita e de construção do conhecimento, de repensar métodos (Basques, 2019); assim como a sua postura de vida, na forma de existir e resistir no espaço e no tempo, ao não se intimidar frente ao racismo e aos estereótipos trágicos criados pelas pessoas brancas, pelo fato de ser uma mulher negra. No entanto, Zora nunca se viu de forma trágica, mas procurou potencializar e valorizar através da arte e de suas obras a imagem de si mesma e das pessoas negras.

O encontro com a diferença a faz ver que a

sociedade conceitua e classifica a identidade das pessoas baseada na sua cor. Tal realização para Hurston, no entanto, não é trágica e nem destruidora, pois se vê como sem raça, definida somente pela sua essência humana (Alves et al., 2019, p. 44).

Para as reflexões sobre sua presença potente em diversos contextos, seja no mundo acadêmico enquanto um lugar de violência e silenciamento (Kilomba, 2019), ou quando, ao invés de ter uma postura de autocomiseração e lamentação, Hurston compromete-se a recriar novas possibilidades, assim como nos sugere Neuza Santos Souza (1983) a partir de uma visão mais realista. Nesse sentido é que se encontram as três presenças potentes: Zora, Tereza e Beyoncé, mulheres, negras, que, em seus contextos de vida, ecoaram e ecoam novas possibilidades de existir e resistir no mundo, apesar do racismo, da discriminação e dos silenciamentos históricos e sistêmicos.

ZORA, TEREZA E BEYONCÉ: É UM PRAZER DESFRUTAR DESSAS COMPANHIAS!

“Tenho medo de começar a escrever o que estive pensando sobre tudo isso, porque posso entender errado – emocional, intelectual e moralmente – e a questão carrega consequências. Hesitantemente, vou tentar” (Haraway, 2011, p. 42).

O pensamento de Zora Neale Hurston, antropóloga, negra, norte-americana e uma das principais expoentes da literatura, nos atravessa de todas as formas possíveis, propiciando refle-

xões, questionamentos e possibilidades, através de seu legado e de suas contribuições para os campos de estudos da Antropologia, bem como de demais temas que atravessam corpos e territórios, de ideias que se deslocam no tempo e no espaço e que reverberam de forma potente nos dias atuais para além de nossas práxis. No entanto, a sua voz e potência que, inicialmente, foram ecoadas em espaços hegemônicos da intelectualidade, no início do século XX, permeadas de muros acadêmicos, racistas e elitistas, fizeram com que durante algumas décadas permanecessem inaudíveis.

“Esse não é um espaço neutro. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, tem sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido” (Kilomba, 2019, p. 51).

Nesse sentido, compreende-se o mundo acadêmico não como um espaço neutro, mas sim constituído de mecanismos de silenciamentos e de violências diversas que se apresentam de forma sistematizada, historicamente, e que reproduzem as relações raciais de poder, cujas estruturas de validação do conhecimento ditam o que é verdadeiro e em quem devemos acreditar. No entanto, o alcance da trajetória e do trabalho de Hurston passa, principalmente, pelo rompimento de práticas e perspectivas de uma Antropologia canônica, para novas possibilidades do fazer antropológico.

Para quem devo escrever? E como devo escrever? Devo escrever contra ou por alguma coisa? Às vezes, escrever se transforma em medo. Temo escrever, pois mal sei se as palavras que estou usando são minha salvação ou minha desonra (Kilomba, 2019, p. 66).

Grada Kilomba (2019) compartilha com a gente esse medo de escrever, ainda hoje, em nosso contexto acadêmico global, em espaços que não são seguros para certas corporalidades. Nesse sentido, fazendo um recorte com a realidade brasileira, apesar de todos os avanços nos últimos anos com as ações afirmativas em educação, a expansão dos campi universitários para o interior dos estados e as cotas nas universidades públicas, que permitem o acesso de outros corpos e realidades nesses territórios, mas que ainda assim não garantem a permanência dessas pessoas nesses contextos. Isso porque, durante a trajetória acadêmica, ainda existem mecanismos e atravessamentos que atuam contra essa pluralização étnica e de classe nesses espaços de poder e que não se aplicam apenas em nossos dias, o que nos permite inferir, em alguma medida, também aos tempos de Zora, ainda em meados do século XX.

No entanto, Hurston nunca esteve muito preocupada com isso, já que não teve medo de ousar em seu tempo, e fez de seus escritos a principal estratégia contra opressões históricas, bem como os transformou em uma linguagem de resistências e de novas possibilidades.

Trata-se de uma antropóloga, que em diversos

aspectos, esteve adiante de seu tempo e que nos permite repensar a própria história da disciplina, os seus métodos e formas de escrita. A cumplicidade e o aprendizado com autores como Kossola Oluale fizeram de Zora Hurston uma das maiores escritoras do século XX (Bassques, 2019, p. 325).

É nesse sentido que histórias de vida como as de Zora Neale Hurston, Tereza Maria de Jesus e Beyoncé Giselle Knowles-Carter se encontram, se atravessam e possibilitam formas de se pensar e enfrentar as realidades que estão inseridas. Entendendo aqui não na perspectiva estereotipada da mulher negra e guerreira, de todo tempo precisar ser forte e aguerrida, que enfrenta tudo sem sentir dor, mas sobre a ideia e sentido que Neuza Santos Souza (1983) nos apresenta, que não é romantizada, porém proporciona uma visão bem realista:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 1983, p. 18).

E mais, falo de mulheres que foram e são capazes de uma mudança de olhar sobre si mesmas, o que ao mesmo tempo reverbera de forma potente em outras mulheres de diferentes contextos e realidades. Isso possibilita reflexões, aproximações, que trazem sentidos e significados – a partir do conhecimento, da arte, da história, da cultura, da música, de relatos de vida –, o que, em alguma medida, corporifica “as próprias pessoas comuns, em sua infinita sabedoria prática, em todas as partes do globo – é que alguns tipos de soluções podem emergir” (Ortner, 2020, p. 24).

Logo, isso só se torna possível – essa perspectiva de potencializar e trazer novas alternativas, visões de mundo, de questionamentos sobre a realidade, de abrir novos caminhos, de cruzar e atravessar fronteiras – a partir de suas próprias experiências “que criam um discurso sobre si mesmo e que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade” (Souza, 1983, p. 17).

“Envergo e não quebro / não arrego / não arredo o pé / titubeio mas não caio / e se caio / caio em pé / ginga necessária para aprender / um corpo capoeira / num mundo feito / para interferir no caminho de mulher” (Elisa, 2023, p. 91).

Milton Santos já dizia: “mesmo quando a gente não saiba, a gente está tomando partido, porque é uma interpretação e toda interpretação tem um conteúdo político e não é interpretação gratuita” (Jô Soares [...], 2013). E, ao proporem a disciplina “Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston”, que nos apresenta corporalidades diferentes daquelas cristalizadas do fazer cânone antropológico, posiciona-se a favor de pluralidades nesses espaços de poder, que não são neutros e estão a todo o tempo em disputa.

Nesse sentido, consegue-se transformar o espaço da sala de aula em um lugar seguro, onde é possível compartilhar saberes, vivências e também subjetividades, angústias existenciais da nossa própria trajetória acadêmica na universidade.

Essa reflexão me acompanhou por um tempo, como se junto com ela viesse certo incômodo. Ao mesmo tempo eu não sabia dizer o porquê de tal incômodo. Entretanto, o incômodo não precisa ter um nome logo de cara, jeito ou corpo para ganhar espaço nas nossas vidas. Muitas vezes ele fica ali quieto, silencioso, até que um dia com o contexto correto, ele volta a fazer barulho e sentido (Damásio, 2022, p. 2).

Nisso é que me atrevo, a partir das discussões acadêmicas dos últimos meses, a conectar essas potentes presenças de mulheres no mundo, em um movimento mútuo com o meu processo criativo de escrita no espaço acadêmico, que molda a minha forma de escrever, argumentar e agir, o que permite, a meu ver, em “um brotamento a partir do encontro no campo, de questões que se tornam de interesse comum, e que potencialmente reverberam, guiam, invadem a própria forma de análise” (Morawska et al., 2021, p. 23).

Uma aliança técnico-política: a etnógrafa e o etnógrafo sintonizam a sua própria técnica com aquelas mobilizadas em lutas particulares, criando assim um novo corpo, na forma de um texto etnográfico, que possa se juntar a tais lutas. Isso implica, a cada vez, revisitar o procedimento a partir do qual produzimos etnografias em busca de metáforas e práticas de nossos interlocutores que podem conferir forma ao texto (Morawska et al., 2021, p. 23).

Proponho-me aqui a refletir, levantar questões e vislumbrar novas possibilidades de perceber e experienciar aquilo que atravessa os outros, mas que também pode, em alguma medida, nos atravessar, a partir de um engajamento experimental, com estranhamentos e por alguns momentos o choque com o que parece familiar.

E quem são essas mulheres que nos inspiram, que nos fazem repensar a direção de nossas trajetórias? Nesse sentido, nas próximas linhas, irei me atentar para apresentá-las, ou pelo menos tentarei, a partir dos atravessamentos que suas companhias trazem; não só em minha trajetória acadêmica, enquanto uma aprendiz do fazer etnográfico e antropológico, mas enquanto a mulher que sou, margeada por questões de classe, gênero, grupo etário, entre outros.

SOBRE ZORA: “COMO PODEM ELES NEGAR A SI MESMOS O PRAZER DA MINHA COMPANHIA” (HURSTON, 2021, P. 48).

“Ao mesmo tempo em que se dá conta de sua negritude, Zora rompe com uma imagem relacionada a um sentimento de autocomiseração, imagem bastante atribuída às pessoas negras naquele período” (Lourenço, 2023, p. 99).



Figura 1. Zora Neale Hurston, antropóloga, nascida em Eatonville, no Sul dos Estados Unidos e autora de “Mules and Men”, publicado em 1935. Fonte: <https://myfloridahistory.org/frontiers/article/2> (2014).

“Ao mesmo tempo em que se dá conta de sua negritude, Zora rompe com uma imagem relacionada a um sentimento de autocomiseração, imagem bastante atribuída às pessoas negras naquele período” (Lourenço, 2023, p. 99).

Zora Neale Hurston nunca se colocou no lugar de autocomiseração ou quis desempenhar o papel que as pessoas brancas insistiam em atribuir a ela e às demais pessoas negras daquele tempo. Mas reforçava, por meio de sua maneira de transitar pelo mundo, a ideia de que quem estava deixando de desfrutar de sua companhia e de todo o seu potencial eram as pessoas brancas que a conheciam, discriminavam ou tentavam de alguma forma silenciar todas as suas contribuições no campo das artes, da ciência ou da Antropologia.

Ao retomar as contribuições e a importância de Zora Neale Hurston, seja para a ciência ou para a literatura, Alice Walker se propõe, em sua pesquisa de campo, visitar lugares e pessoas que trouxessem mais informações sobre a relevância da vida e obra de Hurston. Nisso, ao se deparar com o lugar de seu sepultamento, em 1973, tendo sido enterrada em uma vala comum e sem identificação, providencia uma lápide para a sua sepultura, que personifica toda a sua grandeza e relevância: Zora Neale Hurston, um gênio do Sul. *Novelista, folclorista e antropóloga.*

Assim, quando Walker nomeia Zora Neale Hurston como um gênio, faz todo sentido, porque ela extrapola, por meio de sua existência e trajetória, não só aquilo relacionado simplesmente à prática antropológica, à sua vida acadêmica e à sua vivência em espaços ocupados por corpos diferentes do seu, mas pela maneira em que atravessava esses territórios: com sua inteligência, poética, força e criatividade. Ao invés de não desenvolver suas pesquisas da maneira como certamente gostaria, ela as fazia da forma como era possível naquele contexto, com sua patrona

branca, mesmo que isso significasse desconfortos entre os seus. Para Zora, isso não era um empecilho para não desenvolver seus trabalhos, mas uma estratégia muito bem utilizada por ela.

Ela não precisava de ninguém, muito menos de uma pessoa branca, para lhe dizer quais eram o valor e a importância desse material. No entanto, Hurston entendeu o colonizador e sabia que era melhor parecer que ela estava seguindo ordens, e não agindo a partir de um senso autônomo de agência e poder (hooks, 2019).

Até porque não podemos desconsiderar o contexto de sua existência, no qual aconteciam o desenrolar de suas ações e potente presença nesses espaços, ocupados majoritariamente por homens brancos e permeados pelo pensamento colonizador europeu, que, de diversas formas possíveis, tentaram silenciar a sua forma original e inovadora de fazer ciência. Quando, por exemplo, em *Barracoon* (1931), seu primeiro livro, que não foi publicado no formato original devido à forma como foi escrito, como em um dialeto, o que, segundo os editores brancos, tornava a obra inviável para a publicação; ou mesmo quando teve a recusa de um prefácio por seu orientador.

Silenciamentos que fazem parte de um sistema dominante que faz uso de diversos mecanismos para se manter e perpetuar, mas que Hurston conseguiu se opor, enfrentar e ressignificar, transformando essas forças de opressão em condições para resistir e criar novos olhares e possibilidades, nesse limiar entre margem e centro, onde “a margem se configura como um espaço de abertura radical e criatividade, onde novos discursos críticos se dão (hooks, 1989, p. 149).

Nesse contexto de marginalização, [...] mulheres negras e homens negros desenvolvem uma maneira particular de ver a realidade: tanto “de fora para dentro” quanto de “dentro para fora”. Focamos nossa atenção tanto no centro como na margem, pois a nossa sobrevivência depende dessa consciência (Kilomba, 2019, p. 67).

Zora está à frente de seu tempo, porque nos faz pensar sobre a questão da identidade racial e da sua maneira de estar no mundo a partir de outra perspectiva; mesmo quando se descobre uma pessoa de cor, compreendida como uma pessoa racializada, ao sair de um território familiar – de “uma comunidade totalmente negra e independente, onde a lealdade e a unidade são tidas como garantidas, um lugar onde o orgulho negro não é novidade” (Walker, 2019, p. 117) – e decide cruzar outros caminhos para além desse espaço seguro, entre a encruzilhada de um lugar e o não-lugar, que vai sendo rompido e atravessado através de sua trajetória acadêmica e de vida, da arte, dos estudos sobre folclore afro-americano, do fazer antropológico e da sua metodologia própria de fazer pesquisa e trabalho de campo.

Em vez de colocar uma distância entre si e as pessoas de quem esperava coletar informa-

ções, Hurston buscou estabelecer laços íntimos com elas. Ela seguiu um padrão de observação participante que informaria todo o seu trabalho antropológico (hooks, 2019).

Em todo tempo Zora quer fortalecer a identidade negra a partir de uma narrativa e perspectiva próprias, que tornam os negros sujeitos de suas próprias histórias; não a partir dos aspectos da subjugação, do racismo em si e no que seus pares, intelectuais negros, em alguma medida, refletiam naquele tempo. Mas o desenvolvimento de seu trabalho e trajetória estava imbricado na potência da cultura afro-americana e era sobre isso que ela queria falar, escrever e experienciar. E, nesse sentido, Zora desenvolveu métodos próprios para seu trabalho, quando, no caso do texto elaborado junto a Oluale Kossola, “descobriu uma forma de produzir um texto escrito que mantém a oralidade da palavra falada e fez isso sem se intrometer na narrativa, criando o que alguns acadêmicos denominam oratura” (Plant, 2021).

Nesse sentido, na tessitura de suas obras, Zora também constrói e reforça a si mesma:

Mas eu não sou tragicamente uma pessoa de cor. Não há uma grande tristeza represada em minha alma ou à espreita por detrás dos meus olhos. Eu não me importo nem um pouco... Nessa escaramuça confusa que é minha vida, tenho visto que o mundo é dos fortes, independente de uma pigmentaçãozinha maior ou menor. Não, eu não lamento ao mundo – estou afiando minha faca de ostras (Hurston, 2021, p. 47).

SOBRE TEREZA: “ESTOU NUM VOO E NÃO DEVO INTERROMPER O TRECHO PARA OLHAR PARA TRÁS E LAMENTAR” (HURSTON, 2021, P. 48).

– Ô vó, conta pra gente quando a senhora ca-tava lenha para poder vender, quantos anos a senhora tinha, aonde que era, como que foi?

– Ah, era menina, nova, de uns seis ou sete anos, buscava dois, três feixes de lenha, dois feixes vendia, um feixe ficava para casa! Agora, o preço eu não sei, preço era réis né, cruzeiro, mil réis, eu não lembro muito, mas muita coisa eu lembro... Graças a Deus... Graças a Deus! (Silva, 2023).

Pelas Minas Gerais, entre o Serro do século XX e Santa Luzia das primeiras décadas do terceiro milênio, para além do tempo e do espaço, foram muitos os atravessamentos na vida da minha avó materna Tereza: do trabalho pela sobrevivência na infância, ao lado de sua mãe Matilde; tendo que conviver desde tenra idade com o desaparecimento precoce de seu pai Teobaldo, caixeiro viajante na região central da Serra do Espinhaço; e também com a partida precoce de sua única irmã Geralda, que era branca e que foi para o Rio de Janeiro, escolhida por um casal fenotipicamente branco para fazer companhia para suas filhas. Tereza, em seus muitos relatos de vida, coincide com a perspectiva de Zora, ao sempre seguir em frente, apesar de todas as vi-

cissitudes de ser uma mulher negra no contexto brasileiro, mas que sempre recusou ser abraçada pela comiseração.



Figura 2. Tereza Maria de Jesus, nascida em 15 de outubro de 1919 no Serro/MG e atualmente com seus 104 anos em sua residência em Santa Luzia/MG. Fonte: Arquivo pessoal da autora, Outubro de 2023.

“Tempo e lugar tiveram o seu dizer. Então você terá que saber algo sobre o tempo e o lugar de onde eu vim, para que possa interpretar os incidentes e os rumos da minha vida” (Hurston, 2021, p. 55).

Em sua trajetória de vida, conseguiu estudar até o quarto ano primário, tendo que interromper os estudos para trabalhar e assim ajudar sua mãe a terem o que comer, o que reforça, em alguma medida, a educação escolar como um privilégio de cor e de classe que foi reverberando ao longo do tempo na vida da população periférica e negra brasileira.

É aqui trazido de maneira a demonstrar como o processo de exclusão escolar continuou em funcionamento mesmo depois da abolição... mostra como o sistema de educação na década de 1920 se conecta aos resultados dos estudos contemporâneos sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos negros para acesso, permanência e conclusão da formação na escola (Carneiro, 2023).

Mas, se não teve a educação formal como possibilidade de uma vida melhor, minha avó viu no trabalho a melhor alternativa de construir a sua própria narrativa enquanto sujeito da sua própria existência. Em suas andanças profissionais, atuou como tecelã em uma fábrica de tecidos, posteriormente retornou a escola, não para estudar, mas para trabalhar e desenvolver, naquela época, funções como merendeira e auxiliar de serviços, o que possibilitou, em alguma medida, uma vida mais digna para si e sua família.

Portadora de saberes tradicionais e habilidosa contadora de histórias, durante muito tempo fora procurada em Santa Luzia para prescrever raízes

e realizar benzeções “de pessoas brancas e de cor que procuravam ansiosamente curas” (Hurston, 2021, p. 80).

Ou seja, há aqui a junção de dois elementos bastante cultivados pela população negra e também indígena, a contação de histórias como forma de manutenção identitária, e o uso de plantas e ervas como forma de cura, magia, proteção e poder, e prática de contato com a ancestralidade (Lourenço, 2023, p. 106).

Torcedora apaixonada pelo time de futebol Atlético Mineiro, apreciadora de doce de leite e do queijo do Serro, no alto de sua existência centenária e tecendo seus fuxicos com sua posteridade, Tereza já passou por várias tradições religiosas, bem como por diversos momentos históricos, como a instauração da CLT, a ditadura militar no Brasil, a promulgação da Constituição Federal de 1988, a pandemia da Covid-19 e muitos outros processos que ressoaram em sua própria trajetória de vida.

Em poucas páginas de sua história, ciente do tempo e parceira dele. Ela se renova nas múltiplas relações de amores que criou ao longo dos anos, inclusive consigo mesma, pois sabe que possui, em suas próprias mãos, o poder de se autodefinir e redefinir, quantas vezes ela mesma desejar ou a vida lhe demandar (Santos, 2021, p. 21).

SOBRE BEYONCÉ: “PASSADO E FUTURO SE MISTURAM PARA NOS ENCONTRAREM AQUI, QUE SORTE, QUE MERDA DE TRADIÇÃO!” (LEMONADE, 2016, TRADUÇÃO PRÓPRIA).



Figura 3. Apresentação de Beyoncé durante a Formation World Tour. EUA em 2016. Fonte: <https://www.businessinsider.com/how-to-get-free-ticketmaster-tickets-2016-6> -(2016).

“Hurston se apresenta como uma mulher orgulhosa de ser negra e que irá incorporar este sentimento em todas as suas obras” (Alves et al., 2019, p. 43). Esse comentário se personifica em Beyoncé, um passado que se mistura ao presente e que certamente encontrará consonância em um futuro para milhares de mulheres negras em diferentes contextos e realidades.

A luta de Zora e de Beyoncé passa pelo fortalecimento de uma narrativa de emponderamento negro, de uma mudança de perspectiva, já que

rejeitam a posição de inferioridade e subjugação e apresentam “a força e beleza da sua individualidade como sujeito deste contexto” (Alves et al., 2019, p. 48).

Em seu álbum *Lemonade* (2016), Beyoncé traz elementos que remontam sua ancestralidade, tradição, religiosidade, cultura afro-americana, racismo, reflexão sobre como as mulheres negras nos Estados Unidos são historicamente tratadas, ao fazer referência, por exemplo, na canção *Don't Hurt Yourself*, quando entoada em alto e bom som “Eu sirvo de motivação, me chame de Malcom X” (Lemonade, 2016, tradução própria). No entanto, propõe outra perspectiva – um chamamento, uma convocação –, principalmente para a comunidade negra a uma nova postura, que passa pela formação coletiva das mulheres negras, fazendo ressonância “a postura de Hurston, em não se sentir intimidada por ser negra na América, em não ver sua identidade racial como trágica” (Alves et al., 2019, p. 43), mas enquanto uma força de resistência e criação de novas possibilidades.

“Sobretudo se pensarmos naqueles que, num passado mais ou menos recente, deram o seu testemunho de luta e de sacrifício, abrindo caminhos e perspectivas para que, hoje, nós possamos levar adiante o que eles iniciaram” (Gonzalez, 1988).

Nesse sentido, para Beyoncé isso passa por sua ancestralidade, pelo seu próprio pai, quando, na música *Daddys lessons*, ela traz um dos seus ensinamentos – “And he taught me to be strong” (Lemonade, 2016) –, a ensinando a ser forte apesar dos desafios, o que de alguma forma ajuda a construir, assim como também na vida de Zora, “o núcleo de autoconfiança que ela precisava para sobreviver” (Alves et al., 2019, p. 47). Esse fortalecimento, que fomenta as mulheres a agirem de forma autônoma, a reagir e a resistir de diversas formas em suas realidades, para Beyoncé, passa também pelas mulheres de sua família, quando faz referência na canção *Freedom* a um dos relatos de sua avó: “I had my ups and downs, But I always find the inner strength to pull myself up, I was served lemons But I made lemonade” (Lemonade, 2016)¹, quando, assim como Zora, ao se referir ao seu lugar de pertença ancestral, propõe “fazer uma limonada com os limões que a vida oferece” (Hurston, 2019, p. 55).

Aqui esta experiência é a matéria-prima. É ela quem transforma o que poderia ser um mero exercício acadêmico, num anseio apaixonado de produção de conhecimento. É ela que, articulada com experiências vividas por outros negros e negras, transmutar-se-á num saber que – racional e emocionalmente – reivindico como indispensável para negros e brancos, num processo real de libertação (Souza, 1983, p. 18).

Um ensinamento que surge de histórias e trajetórias pessoais, mas que ganha força e potência, já que ressoa em outras mulheres, de diferentes contextos e realidades e ganha sentido a partir de uma formação coletiva e não apenas individual. “Ok, ok, garotas, agora vamos entrar

em formação” (Lemonade, 2016).

Reessoam até hoje as mesmas vozes / por desejo de liberdade / pois o meu corpo pode ser que envergue / mas se cai / outras mil nascerão de pé / e na memória de outras vidas / uma só palavra de mensagem / Coragem, vai, coragem! (Elisa, 2023, p. 92).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu estou muito próxima daquilo que pesquiso. Eu estou contaminada demais para ver e fazer minhas próprias escolhas teóricas e metodológicas. É preciso que eu seja salva e que eu entenda o que eu estou fazendo” (Damásio, 2022, p. 11). Mas aqui já não falo apenas de mim, mas de nós enquanto estudantes de Antropologia e Ciências Sociais, que refletem e discutem em suas temáticas de trabalho atravessamentos diversos como gênero, classe, ancestralidade, racismo, crime ambiental, discussões bibliográficas e tantos outros assuntos que, em alguma medida, afetaram nossas posicionalidades, estilos de escrita e maneira de se fazer Antropologia: “a questão não é simplesmente como trazer certas cenas à vida, mas como trazer vida a ideias” (Strathern, 2014).

E questionamos como, por exemplo, não é possível fazer ciência sem o próprio corpo! Sabemos que não é possível fazer ciência sem posição. Percebemos o mundo, mas também somos percebidos. A ciência é feita com inúmeros marcadores sociais das diferenças, assim como nossos textos, escolhas teóricas e metodológicas. A ciência tem classe, endereço, gênero, raça e sexualidade (Damásio, 2022, p. 6).

Nesse sentido, essas três presenças no mundo – Zora, Tereza e Beyoncé – nos instigam a repensar e a ressignificar papéis, principalmente das mulheres negras, em contextos diversos, reforçando outras posicionalidades e formas de transitarem seus corpos pelos territórios. Não reforçando estereótipos ou perpetuando silenciamentos sistêmicos, mas propondo uma representação potente e diversa a partir de suas próprias vivências, seja no contexto da intelectualidade, das artes ou nas tramas que se desenrolam no cotidiano.

Portanto, que entremos em formação, como sugerido por Beyoncé (Lemonade, 2016), nesse chamamento para uma luta coletiva, que vê nos escritos – sejam acadêmicos, literários ou não – uma forma de perceber a vida e se perceber no mundo, já que “escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo” (Evaristo, 2007), o que ecoa, faz consonância e ressonância com o que a nossa querida Neusa Santos Souza em 2008 escreveu e nos ensinou que “a nossa luta continua”.

“Se o poder trazido à superfície o incomodar / é recomendável que você / busque se mover desse lugar / porque eu obedeço só o destino das águas / correr mundo / fundir-se a outras / e me alastrar” (Elisa, 2023, p. 89).

¹ Tradução livre: “Tive os meus altos e baixos, mas encontrei sempre a força interior para me erguer, serviram-me limões, mas fiz limonada”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Érica Fernandes; FERREIRA, Geniane Diamante Ferreira; SANTOS, Célia Regina dos. Identidade e subjetividade no ensaio How it feels to be colored me, de Zora Neale Hurston. **Revista Humanidades e Inovação** – Literatura Moderna e Contemporânea: Paisagens Culturais de Classe, Gênero, Etnia e Pós-Coloniais II, Palmas, v. 6, n. 5, p. 42–50, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1016>.

BASQUES, Messias. Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 23, v. 30(2), p. 316–326, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/244086/35030>.

CARNEIRO, Sueli. Epistemicídio. In: **Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

DAMÁSIO, Ana Clara. Isso não é uma autoetnografia!. **Mediações** – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 27, n. 3, p. 1–14, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/46479>.

ELISA, Júlia. **Terra sob as unhas**. 1. ed. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2023, 100 p.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69–82, jan./jun. 1988.

HOOBS, bell. preservar a cultura popular negra: Zora Neale Hurston como antropóloga e escritora. In: **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Elefante, 2019.

HURSTON, Zora Neale. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658>

HURSTON, Zora Neale. O lugar onde nasci. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/647>.

HURSTON, Zora Neale. Prescrição de Doutores Raiz. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/650>.

HURSTON, Zora Neale. Escravização. In: **Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

HURSTON, Zora Neale. Liberdade. In: **Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, 200 p.

JÔ SOARES entrevista Milton Santos. [S. l.: s. n.], 2013. Publicado pelo canal Jonasserafim3941. 1 vídeo (15 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jzUIHAAiISM>. Acesso em: 10 dez. 2023.

KILOMBA, Grada. Quem pode falar?. In: **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 47–70.

LEMONADE. Beyoncé. [Estados Unidos]: Parkwood Entertainment, 2016. Online (65 min). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1-QW_brnoTTyj1aMRGgGmWc4NR9TYD-ol/view.

LOURENÇO, Vanessa Cândida. A questão da raça e da cultura na antropologia de Zora Hurston. In: **De objeto à sujeita: Zora Neale Hurston e os estudos da raça e da cultura no início do século XX**. 125 f. Dissertação de Mestrado – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/67356>.

MORAWSKA, Catarina et al. Antropologia e engajamentos nas fronteiras do capitalismo: a experimentação etnográfica como aliança técnico-política In: MORAWSKA, Catarina (org.). **Engajamentos coletivos nas fronteiras do capitalismo**. São Carlos: EdUFSCar, 2022.

ORTNER, Sherry B. Sobre o neoliberalismo. Tradução: Chiara Albino e Jainara Oliveira. Revisão Técnica:

Ariel David Ferreira. **Sociabilidades Urbanas** – Revista de Antropologia e Sociologia, v. 4, n. 11, p. 19–26, jul. 2020. ISSN: 2526-4702.

PLANT, Deborah B. Introdução. In: HURSTON, Zora Neale. **Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SANTOS, Júlia Elisa Rodrigues dos. Escrivências contra imagens de controle, caminho de autorrecuperação e autodefinição. In: **Retomar o abebê, interferir na realidade: escrevendo para autorrecuperar e autodefinir**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1X5FW3sCJATZPQgpLIXD-1fb87Rv6LmK7H/view?usp=sharing>.

SILVA, Gleiciara Rosana da. **[Relato de vida transcrito de Tereza, 104 anos]**. Santa Luzia, 2023. Instagram: @souaciara. Disponível em: https://www.instagram.com/s/aGlnaGxpZ2h0OjE4MDEwMzA2NTg2MDg-4MDky?story_media_id=3245422252085967462_61381831932&igshid=ZDE1MWVjZGVmZQ==.

SOUZA, Neusa Santos. Capítulo I. In: **Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Neusa Santos. Capítulo II. In: **Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

WALKER, Alice. À procura de Zora Neale Hurston. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/654/346>.